MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

Exposições

EVENTO: Exposição "Antônio Caringi: 50 anos do Laçador"

LOCAL: Salas Negras

PERÍODO: 16 setembro a 12 de outubro de 2008

OBSERVAÇÕES: No dia 22 de setembro, às 19 horas exposição de 12 fotografias de Eurico Salis originalmente produzidos para o livro "Antônio Caringi - O Escultor dos Pampas"

Local: Café do Morgs

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Folha das Artes
Data: Setembro de 2008
Página: 5
Assunto: (Antonio Caringi)
Atividades do Margs

CONSCIENTIZAÇÃO ECOLÓGICA — Lilia

MARGS FAZ HOMENAGEM A CARINGI NOS 50 ANOS DO LAÇADOR

Para marcar o cinqüentenário do monumento máximo ao tradicionalismo no Estado, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, MARGS em conjunto com o Governo e a Secretaria da Cultura, promovem a exposição Antonio Caringi: 50 anos do Laçador. A mostra aberta até dia 12 de outubro ocorre nas Salas Negras traz uma réplica do Laçador, do Acervo do Palácio Piratini, além de documentos, objetos e fotografias cedidas pela família do artista e pelo tradicionalista

Sobre a exposição Antonio Caringi: 50 anos do Laçador

Composta por duas esculturas do artista – O Laçador e o busto Auto-retrato - e também objetos utilizados por Caringi em seu atelier, além de reproduções ampliadas de fotografias originais. Entre estes registros fotográficos históricos, destacam-se uma imagem do Presidente Getúlio Vargas, em visita ao atelier do escultor no ano de 1954 e outra ao lado do então prefeito de Porto Alegre, Leonel Brizola, na inauguração do Laçador em 1958.

Sobre O Laçador

.Obra mais famosa de Caringi, O Laçador nasceu de uma mobilização iniciada em 1954 por ocasião do IV Centenário da Fundação de São Paulo: em concurso público promovido para eleger o projeto que melhor representasse o povo e as tradições gaúchas para uma exposição no Parque Ibirapuera. Caringi concorrendo com nomes de destaque vence com a proposta da escultura de um boleador. Mais tarde ela seria alterada por sugestão da comissão julgadora, que trocaria as boleadeiras por um laço, para que se apresentasse melhor a figura do homem do campo. O Laçador é, até hoje,

a representação ideal do gaúcho com suas vestimentas e postura tradicionais. Atualmente exposta em frente ao antigo terminal do Aeroporto Salgado Filho, o monumento de 4,45m e 3,8 toneladas figurou durante 49 anos na Praça do Bombeiro, na entrada de Porto Alegre pela BR-116.

Sobre Antônio Caringi (1905-1981)

Filho de imigrantes italianos, nascido em Pelotas em 1905, Antonio Caringi desde cedo mostrou aptidão para a arte.

Em 1928, viajou à Europa para assumir o cargo de adido consular e estudar arte na Academia de Belas Artes de Munique. Na década de 30, quando ainda residia na Alemanha, veio ao Brasil e venceu o concurso para criar a estátua do General Bento Gonçalves, inaugurada em Porto Alegre, na comemoração do centenário da Revolução Farroupilha. Conhecido como o "escultor dos pampas", Caringi privilegiou em seus trabalhos temas regionais, ligados à história e à cultura rio-grandenses.

A contribuição de Caringi para as artes plásticas do Rio Grande do Sul foi marcante também na área do magistério. Ele fundou a disciplina de escultura na Escola de Belas Artes de Pelotas, onde lecionou por muito tempo. O artista faleceu aos setenta e seis anos em Pelotas.

Sobre o livro e mostra fotográfica Antonio Caringi – O Escultor dos Pampas

São 12 fotografias de Eurico Salis originalmente produzidas para o livro Antonio Caringi – O Escultor dos Pampas. Para registrar as mais de 100 imagens dispostas na obra, o fotógrafo percorreu as cidades de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Bagé, Alegrete e Laguna.

O evento de lançamento da mais completa publicação visual de um dos grandes escultores do país conta com texto biográfico assinado pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil e crítica da obra de Caringi pelo artista Paulo Gomes, Doutor em Poéticas Visuais pela UFRGS. Organizado pelo publicitário Amadeu Caringi e pela editora e professora universitária Marília Barcellos.

Fonte: Informativo MARGS.

Vera Soutto
ATELIER
Av. Fernando Osório,20 s 7b /Pelotas RS
(53) 3227 8337 / 53 8118 4675

elenise cassal de lamare
artista plástica
Av Fernando Osório, 20
Shopping Zona Norte - loja 18B
Pelotas - RS
Fones: (53) 9112 6513 - 3226 2063

Diva Parobé
* Decoradora de Interiores
* Consultora em Feng Shui e Radiestesia
* Terapeuta Floral
Fones: (53) 3229 3901 / 9145 5109

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: do Comércio
Data: 12/13 e 14 set. 2008
Página: 05
Assunto: Atividades do Margs

Agenda

Meio século do Laçador

A data é pouco comum, mas as comemorações da Semana Farroupilha autorizam a alteração do dia de abertura de uma exposição no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Praça da Alfândega, s/nº). *Antonio Caringi: 50 Anos do Laçador* tem inauguração às 17h deste domingo, nas Salas Negras, em lembrança ao cinqüentenário do monumento máximo do tradicionalismo no Estado. A mostra abarca uma réplica da estátua que se encontra na entrada de Porto Alegre pertencente ao acervo do Palácio Piratini, além de documentos, objetos e fotografias cedidas pela família do artista e pelo tradicionalista Paixão Côrtes (modelo do Laçador). No dia 22, às 19h, no encerramento da Semana Farroupilha, será lançado *Antonio Caringi - O Escultor dos Pampas*, de Eurico Salis (fotos), Luiz Antonio de Assis Brasil e Paulo Gomes (textos), no Café do Margs.

Antonio Caringi: 50 anos do Laçador leva ao espaço do museu o bronze *O Laçador* (de 100cm), que sai pela primeira vez do Palácio Piratini, e o busto em bronze *Auto-Retrato* (28cm), como itens mais significativos do escultor nascido em Pelotas em 1905 e falecido na mesma cidade, em 1981. Objetos pessoais, espátulas e cinzéis que usou em seu trabalho, reproduções ampliadas de imagens que o flagram também integram a retrospectiva. Entre esses registros há um que mostra o presidente Getúlio Vargas em visita ao ateliê de Caringi em 1954, tendo ao fundo o Monumento ao Imigrante, preparado para a cidade de Caxias do Sul, e outro em que o artista plástico aparece ao lado de Leonel Brizola, então prefeito de Porto Alegre, na solenidade de inauguração do Laçador, em 1958. Visitação de 16 de setembro a 12 de outubro, de terças a domingos das 10h às 19h.

ACERVO DA FAMÍLIA CARINGI/DIVULGAÇÃO/JC

Busto do escultor em bronze, outro item importante que pode ser visto no Margs

Antonio Caringi repousa ao lado de sua criação mais famosa, tema de mostra

ACERVO DA FAMÍLIA CARINGI/DIVULGAÇÃO/JC

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Zero Hora
Data: 14/9/2008
Página: 32
Assunto: Atividades do Margs

Tradicionalismo Margs realiza mostra sobre Caringi, o Escultor dos Pampas

Os 50 anos da estátua *O Laçador*

Uma exposição sobre o escultor Antônio Caringi e o cinqüentenário da estátua *O Laçador* poderá ser admirada a partir de amanhã, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Margs), em Porto Alegre.

Os visitantes da mostra poderão ver documentos e objetos do artista e do monumento.

REPRODUÇÕES

Caringi concluiu a obra no ano de 1958

O pesquisador e folclorista João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes tinha 26 anos quando serviu de modelo para que Caringi esculpisse *O Laçador*. Ontem, Paixão lembrou como foi criada a estátua que se tornou símbolo do Rio Grande do Sul.

– Um belo dia, Caringi bateu na porta da minha casa. Eu não o conhecia pessoalmente – conta ele, que morava na Rua Sarmento Leite, no Centro.

Paixão Côrtes apresentou-se com suas roupas campeiras – "de uso, não de fantasia", ressalva – diante do escultor. Foram quatro ou cinco sessões, ele não lembra bem, na casa da Sarmento Leite. Cada pose durava uma hora e meia, duas horas. Enquanto Paixão ficava imóvel, Caringi fazia traços a lápis e moldes de barro e gesso.

A emoção aflora quando Paixão rememora o convívio com o artista, que morreu em 1981, aos 76 anos. Transcorridos mais de 50 anos, o folclorista reproduz as conversas que mantiveram em torno da obra de arte.

– Paixão, o que tu achas de botar esporas na escultura? – perguntava Caringi.

– Caringi, o escultor é tu. Eu sou simplesmente um peão de estância – respondia.

– Então, vou botar as esporas, porque elas fixam melhor o homem à terra – dizia o artista.

É por isso que *O Laçador* está de esporas e o papagaio (haste de metal que prende as rosetas) virado para baixo, para transmitir a idéia de firmeza onde pisa. Outro simbolismo que reforça o apego ao chão são os pés. Como está calçando botas garrão de potro, os dedos de *O Laçador* ficam à mostra.

Monumento representou o RS em São Paulo

Pequenos detalhes, discutidos entre Caringi e Paixão Côrtes, deram vida ao monumento. A camisa está aberta ao peito, para demonstrar vigor. Um dos pés se adianta no pedestal, como se estivesse em movimento. *O Laçador* olha para além do horizonte, numa atitude de conquista.

O que o escultor e o jovem folclorista produziram na Capital foi definido antes, durante as comemorações pelo quarto centenário de São Paulo. O Rio Grande do Sul queria participar com uma estátua que simbolizasse o gaúcho. Houve um concurso entre artistas. Inicialmente, o projeto era o de um boleador, aquele que manuseia as boleadeiras. No final, o laço substituiu a arma de apresar animais usada pelos índios charruas e minuanos.

Em setembro de 1958, quatro anos depois de iniciado o projeto, *O Laçador* ficou pronto. Concluída em São Paulo e trazida de caminhão a Porto Alegre, a estátua recepciona os visitantes à entrada da cidade.

Saiba mais

ANTÔNIO CARINGI

Nasceu em Pelotas, em maio de 1905. Formou-se em Ciências e Letras e foi acadêmico de Engenharia em Porto Alegre. Estudou na Academia de Belas Artes de Munique, Alemanha. Paralelamente às atividades artísticas, exerceu cargos diplomáticos na Itália, Dinamarca, Suécia, França, Turquia e Grécia. Suas obras de arte estão espalhadas por logradouros e pinacotecas do Brasil e do Exterior. Destacam-se os monumentos às Mães, ao Coronel Pedro Osório, a Loureiro da Silva, ao Expedicionário, ao Imigrante e vários outros. Por se dedicar a fatos e vultos do Rio Grande do Sul, é chamado de Escultor dos Pampas. Morreu em maio de 1981, em Pelotas.

Fonte: *O Laçador – Símbolo da Terra Gaúcha*, de J. C. Paixão Côrtes

EXPOSIÇÃO NO MARGS

O que: mostra *Antônio Caringi: 50 anos do Laçador*

Promoção: Secretaria Estadual da Cultura, Margs e Editora Nova Prova

Quando: de amanhã até 12 de outubro, de terça a domingo, das 10h às 19h

Onde: Praça da Alfândega, s/nº

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: O Sul
Data: 14/09/2008
Página: 5 (Magazine)
Assunto: Atividades do Margs

Exposição faz homenagem aos 50 anos do Laçador.

Réplica em bronze da escultura "O Laçador". Obra sai pela primeira vez do gabinete da governadora, no Palácio Piratini.

A estátua do Laçador, criada pelo artista Antonio Caringi, completa este mês 50 anos. Para marcar a data, o Margs (Museu de Arte do Rio Grande do Sul) promove a exposição "Antonio Caringi: 50 Anos do Laçador", a partir de hoje, às 17h, data oficial de abertura da Semana Farroupilha.

A mostra, que ocorre nas Salas Negras do Museu, é composta por duas esculturas de Caringi, "O Laçador" (bronze, 100 cm, que sai pela primeira vez do gabinete da governadora) e o busto "Auto-retrato" (bronze, 28 cm). Também acompanham a mostra objetos utilizados pelo artista em seu atelier, além de reproduções de fotografias originais cedidas pela família de Caringi e por Paixão Côrtes, tradicionalista que serviu de modelo para o Laçador.

Entre os registros fotográficos históricos, destacam-se uma imagem do presidente Getúlio Vargas, em visita ao atelier do escultor no ano de 1954; e outra ao lado do então prefeito de Porto Alegre Leonel Brizola na inauguração do Laçador em 1958. A mostra fica aberta para visitação a partir de terça-feira e se estende até 12 de outubro, de terças a domingos, das 10h às 19h. A entrada é franca.

FOTOS DIVULGA

Antonio Caringi (D e o então prefeito d Porto Alegre Leonel Brizol (E), durante a inauguraçã da estátua do Laçado em setembro de 195

LIVRO – No dia 22, às 19h, no Café do Margs, o Museu encerra de forma simbólica as comemorações da Semana Farroupilha, lançando mostra homônima e livro "Antonio Caringi Escultor dos Pampas". A obra mais de 100 fotografias de Eurico lis e textos de Luiz Antonio de A Brasil e Paulo Gomes.

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Correio do Povo
Data: 14/9/2008
Página: Arte e Lazer
Assunto: Atividades do Margs

Os 50 anos de um monumento

O Laçador e seu criador, Antonio Caringi, ganham mostra no Margs neste domingo

O cinqüentenário do Laçador, monumento máximo ao tradicionalismo, será comemorado com a exposição "Antonio Caringi: 50 Anos do Laçador", com vernissage, neste domingo, das 17h às 19h, no Margs (Praça da Matriz, s/nº), em plena abertura oficial da Semana Farroupilha. A visitação será de 16 de setembro a 12 de outubro, de terças a domingos, das 10h às 19h.

As Salas Negras do museu abrigarão duas esculturas de Caringi: "O Laçador" (bronze, 100 cm, que saiu pela primeira vez do Gabinete da Governadora) – e o busto "Auto-Retrato" (bronze, 28 cm). Também acompanham a mostra objetos utilizados por Caringi em seu ateliê, como espátulas e cinzéis, além de reproduções ampliadas de fotografias originais cedidas pela família do artista e por Paixão Côrtes, tradicionalista que serviu de modelo para o Laçador. Entre os registros fotográficos históricos, destacam-se uma imagem do presidente Getúlio Vargas, em visita ao ateliê do escultor no ano de 1954 e outra ao lado do então prefeito de Porto Alegre, Leonel Brizola, na inauguração do Laçador em 1958.

Segundo o crítico de arte Paulo Gomes, o Laçador não é somente a obra mais famosa de Caringi, mas é a que melhor explicita as características fundamentais de seu trabalho: a excelência da fatura, a vocação monumental e a idealização. Eleito símbolo da cidade de Porto Alegre, a escultura nasceu de uma mobilização iniciada em 1954 por ocasião do IV Centenário da Fundação de São Paulo: em concurso público promovido para eleger o projeto que melhor representasse o povo e as tradições gaúchas para uma exposição no Parque Ibirapuera. Caringi, concorrendo com nomes como Vasco Prado e Fernando Corona, venceu com a proposta da escultura de um boleador. Mais tarde ela seria alterada por sugestão da comissão julgadora, que trocaria as boleadeiras por um laço, para que se apresentasse melhor a figura do homem do campo. O Laçador é, até hoje, a representação ideal do gaúcho com suas vestimentas e postura tradicionais. De acordo com Paixão Côrtes, a vincha (fita de pano colocada à testa), as esporas tipo chilena (viradas para baixo), a faca na cintura e as botas a meio-pé (modelo artesanal primitivo) foram elementos inseridos por iniciativa de Caringi na caracterização do Laçador em função de seu forte simbolismo plástico. Atualmente exposto no Sítio do Laçador, em frente ao antigo terminal do Aeroporto Salgado Filho, o monumento de 4,45 m e 3,8 toneladas figurou durante 49 anos na entrada de Porto Alegre.

Caringi (1905-1981) esculpiu vários monumentos significativos para o patrimônio artístico do Estado, como o Monumento ao Expedicionário e o Monumento Nacional ao Imigrante, em Caxias do Sul. Seu último trabalho ao ar livre, uma homenagem a Raul Pilla, foi inaugurado em 1977. Conhecido como o "escultor dos pampas", o artista privilegiou em seus trabalhos temas regionais, ligados à história e à cultura rio-grandenses. Índios, colonos e gaúchos foram sua inspiração para obras em gesso, pedra e argila.

No dia 22, das 19h às 21h, no Café do Margs, serão encerradas de forma simbólica as comemorações da Semana Farroupilha, com o lançamento de exposição homônima e livro "Antonio Caringi – O Escultor dos Pampas", com fotografias de Eurico Salis e textos de Luiz Antonio de Assis Brasil e Paulo Gomes.

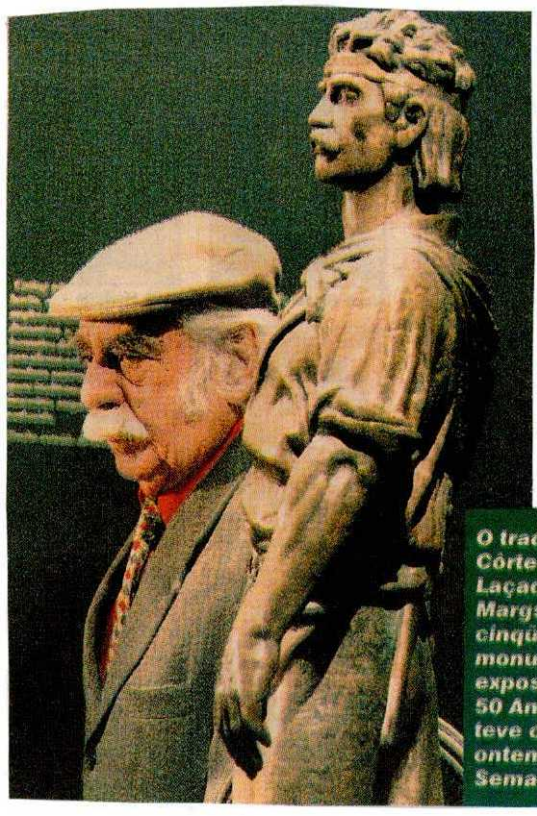
REPRODUÇÃO/CP

Laçador ganha mostra nas Salas Negras

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Correio do Sul
Data: 14/09/2008
Página: Arte e Lazer
Assunto: Atividades do Margs

O escultor Antonio Caringi é, entre outras dezenas de obras importantes, autor do Laçador e terá homenagem no Margs pelo cinqüentenário do monumento. Será lá no museu, às 17h deste domingo, abrindo a Semana Farroupilha.

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: O Sul
Data: 16/9/2008
Página: 3 (Magazine)
Assunto: Atividades do Margs



O tradicionalista Paixão Côrtes ao lado da réplica do Laçador que está exposta no Margs, em comemoração ao cinqüentenário do monumento com a exposição "Antônio Caringi – 50 Anos do Laçador", que teve concorrido vernissage ontem, em comemoração à Semana Farroupilha.

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Zero Hora
Data: 18/9/2008
Página: Capa
Assunto: Atividades do Margs

LAÇO NOVO PARA O LAÇADOR

No Margs, Cézar Prestes (E), Rita Chang e Paixão Côrtes conferem réplica da estátua que receberá acessório, após furto da peça original. **Pág. 49**

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Correio do Povo
Data: 18.09.2008
Página: 14
Assunto: Atividades do Margs

Geral

geral@correiodopovo.com.br
Editora assistente: **Ana Paula Acauan**

Cardápio típico no Plaza

■ O Plaza Grill & Restaurante do Plaza São Rafael Hotel e Centro de Eventos manterá por todo o mês, de segunda a sexta, cardápio típico do mês farroupilha. Além dos pratos tradicionais, estão entre as opções frango Maria Antônia e quibebe, costela poncho Vverde e arroz à gaúcha, carreteiro de charque e feijão mexido.

Programação do Acampamento Farroupilha

■ Quinta-feira (18/09)
Local: Parque da Harmonia
9h e 14h: Ciranda Escolar*
10h e 15h: Oficinas Escolares Símbolos do RS (Galpão Central)
10h às 22h: Feira do Livro
18h30min: Oficinas de Compotas Caseiras (Galpão Central)
19h30min: Palestra Culinária e Gastronomia (Galpão Central)
20h: Festival de Trovas*
20h30min: Grupo SYKURIS
21h: Show Pedro Ortaça*
22h30min: Show Mulheres Pampeanas*
* Centro de Eventos

Estátua ganhará um novo laço

Símbolo da capital gaúcha, o Laçador vai ganhar nos próximos dias novo laço. A réplica, que ficará no lugar da peça original, criada por Antônio Caringi, foi roubada e a estátua vinha carregando na mão direita uma corda de aço. Conforme a presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural, Rita Chang, a colocação do novo laço está prevista para segunda, às 16h.

O tradicionalista Paixão Côrtes, que serviu de modelo para a construção da estátua, conheceu ontem o novo laço, confeccionado por Altair Clementel (Tanena), e aprovou o trabalho. No Museu de Arte do RS (Margs), o folclorista conferiu cada detalhe da réplica do laço de Caringi. "O laço com que eu pousei tinha 14 braças, de 22 a 23 metros. A réplica tem menos, mas preserva as características da original, como argola, presilha e ilhapa", destacou.

Segundo o folclorista, a presença da corda de aço o deixava incomodado. "Sempre que passo na frente da estátua faço uma oração ao Caringi", confessou emocionado. Tanena contou que levou cerca de dez dias para concluir a obra, de 18 metros e com 80 kg. Para evitar novos ataques, o laço foi feito em aço, com pátina parecendo bronze.

CARLA RUAS

Paixão Côrtes, ao lado de Rita e César Prestes, do Margs, aprovou a obra

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Zero Hora
Data: 18/9/2008
Página: 49
Assunto: Atividades do Margs

Braskem Banrisul 80 anos RIO GRANDE DO SUL

O novo laço do Laçador

Similar ao original de 1958, o novo laço do monumento O Laçador será instalado na próxima segunda-feira à tarde.

Confeccionado pelo fundidor Altair Clementel, o acessório de aço precisou ser refeito após o furto da peça anterior, que também não era original, ocorrido neste ano. De forma provisória, a peça havia sido substituída por uma corda de aço.

Na tarde de ontem, o tradicionalista Paixão Côrtes, que serviu de modelo ao escultor Antônio Caringi, foi apresentado ao novo laço no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), em Porto Alegre. A nova peça foi inspirada em documentos e fotos da época em que foi construída para ser fiel à original.

Côrtes sugeriu algumas adaptações, que serão realizadas nos próximos dias. A presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural, Rita Chang, explicou que a peça é feita de aço e revestida por pátina, uma técnica de decoração que dará característica de cobre.

– Esse acabamento vai parecer cobre, mas não será cobre. Acreditamos que isso evitará novos furtos – informou.

O laço original era composto por 14 braças, presilhas e redilhas. O posicionamento do acessório na mão do Laçador também foi levado em consideração na confecção da nova peça.

A idéia inicial era repor o laço no próximo sábado, durante as comemorações do 20 de Setembro, mas isso não será possível devido ao grande número de atividades relacionadas à data no Estado. Até dia 12 de outubro, uma exposição homenageia o Laçador (*leia no quadro abaixo*).

Exposição

O que: mostra Antônio Caringi: 50 anos do Laçador
Promoção: Secretaria Estadual da Cultura, Margs e Editora Nova Prova
Quando: de amanhã até 12 de outubro, de terça a domingo, das 10h às 19h
Onde: Margs, Praça da Alfândega, s/nº

MAURO VIEIRA

Peça feita de aço e revestida por pátina foi mostrada ao tradicionalista Paixão Côrtes, que sugeriu algumas alterações

Uma aula de trânsito farroupilha

O Acampamento Farroupilha também é lugar para se falar de trânsito.

No Piquete EPTchê, da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), crianças conhecem equipamentos de sinalização e regras de circulação nas vias públicas por meio de folhetos e de uma peça de teatro intitulada *Com Licença, Preciso Passar*.

Os próprios agentes da Assessoria de Educação para o Trânsito (Asset) desenvolvem as atividades. Ontem à tarde, crianças da Escola de Educação Infantil Patotinha, do bairro Jardim Lindóia, em Porto Alegre, estiveram no piquete. Além da educação para o trânsito, os agentes apresentam os símbolos gaúchos.

FOTOS MAICON BOCK, ESPECIAL

No Piquete EPTchê, criançada aprende regras de sinalização e circulação

A expectativa do coordenador da Asset, José Nilson Padilha, é fechar o período no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho recebendo 3 mil crianças. Após o Acampamento Farroupilha, o trabalho voltará a ser feito nas escolas ou na sede da EPTC, na Rua João Neves da Fontoura, 7.

Serviço

As escolas interessadas em participar das atividades no Acampamento Farroupilha devem agendar visita pelo telefone (51) 3289-4427 ou pelo e-mail *educ@eptc.com.br*

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Zero Hora
Data: 19/9/2008
Página: Contracapa (2°C)
Assunto: Atividades do Margs

CARINGI INÉDITO

Ainda existe arte gaudéria que nem os gaudérios conheciam: em função da pesquisa que foi realizada para o livro *Antonio Caringi – O Escultor dos Pampas* (que, aliás, vai ser lançado no **Café do Margs** na próxima segunda-feira, às 19h), foi descoberta no **Museu Júlio de Castilhos** parte de uma maquete do inédito monumento ***O PACIFICADOR*** *(à direita)*. A obra foi premiada em um concurso realizado em 1944 para uma estátua que seria erguida no Parque Farroupilha, mas o trabalho nunca foi executado pelo artista.

A peça esteve durante os últimos anos registrada como de autor desconhecido, e só recentemente foi autenticada pelo professor **Paulo Gomes**, do **Instituto de Artes da UFRGS**, que se baseou em 12 pranchas fotográficas publicadas em um livro sobre **Antonio Caringi**. A peça representa a figura eqüestre do **Duque de Caxias**, executada em gesso e recoberta com uma camada de pátina que dá o aspecto escurecido.

Em função de algumas partes quebradas – orelhas do cavalo e o braço direito de Caxias –, **Cézar Prestes**, diretor do **Departamento de Memória e Preservação Cultural da Sedac**, já está agilizando a restauração da descoberta.

MARGS, DIVULGAÇÃO

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: do Comércio
Data: 19, 20 e 21/09/2008
Página: 02
Assunto: Atividades do Margs

Caringi reconstituído

Depois de mais de dois anos de seu roubo, um dos símbolos gaúchos vai ser reconstituído. O Laçador terá uma réplica de seu laço original. Nesta semana foi realizada a última prova para verificar se a peça segue os moldes da primeira. O encontro, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Margs), contou com a participação da presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural, Rita Chang (responsável pela recolocação do laço), do tradicionalista Paixão Côrtes (que serviu de modelo para o escultor Antônio Caringi), do fundidor que confeccionou a peça, Altair Clementel, e do diretor do Margs, Cezar Prestes. Paixão Côrtes passou orientações sobre tamanho, posição da argola e deu detalhes usando como modelo a réplica que integra a exposição *Antônio Caringi: 50 anos do Laçador* - a mostra contém fotos e objetos pessoais pertencentes a Caringi, à mostra nas Salas Negras do Margs até 12 de outubro. O novo laço ficará no lugar do cabo de aço, colocado provisoriamente. O laçador deverá receber a peça na segunda-feira, como fecho dos festejos da Semana Farroupilha. Na segunda-feira também acontece o lançamento do *Antônio Caringi - O Escultor dos Pampas*, no Café do Margs, às 19h.

✡ LYVROS RAROS E PERDIDOS?? ✡
LYVROS PRECIOSOS
COLEÇÕES RARAS DESAPARECIDAS??
ENVIE SEUS PEDIDOS PARA:
sanskryyttus@pop.com.br
F:(51)3022-8989/9242-3387
Mais DE 38.000 OBRAS ESPECIAIS NO ACERVO.
DE 80 ANOS DE TRADIÇÃO E CREDIBILIDADE.
ENTREGA GRÁTIS P/ LEITORES DOS JORNAIS RBS (RS E SC)
SEMPRE ENVIE SEU FONE P/ AGILIDADE NAS ENCOMENDAS!

✡ ALCORÃO ÁRABE ✡
1. ALCORÃO SAGRADO: ÁRABE - PORTUGUÊS - Encadernado c/ Comentários -
2. A TORÁH COMENTADA - HEBRAICO-PORT. - 5 Vols. - Encadernada - RARA!
3. TRATADO da História Naval do Brasil - 10 Volumes - RARIDADE - Ligue Agora!
4. VULGATA - Bíblia com Antigo e Novo Testamento em LATIM - Encadernada -
5. ZOHAR - A Kabalah Hebraica e sua Tradição - RARA - 5 volumes - Importada -
6. FREUD - 24 Volumes. - Última Edição - Oferta Promocional! - Col. Completa!
7. HERANÇA JUDAICA - 10 Volumes - Preciosidade - Vários Autores - Completa -
BRINDE ESPECIAL: Dic. HOUAISS - Novo!
Fs: (51) 3022-8989 - 9242-3387
+ de 80 ANOS DE QUALIDADE !!
✡ LYVROS PRECIOSOS ✡

GENARO JONER

CULTURA

Um mito forjado em bronze

O feriado de 20 de setembro volta os olhares de milhares de gaúchos para O Laçador, *a célebre escultura de Antonio Caringi cravada meio século atrás na capital do Estado. Nesta edição, Cultura discute por que essa obra se entranhou com tanta força no imaginário local*

JÚLIO CORDEIRO, BANCO DE DADOS - 19/09/2005

A bandeira do Rio Grande do Sul nasceu a partir de desenhos de rebeldes durante a Revolução Farroupilha e é um vigoroso símbolo presente em todos os lugares do Estado, como na sua Capital

TRADIÇÃO

O gaúcho como emblema

A troca do laço da estátua do Laçador, como parte dos festejos da Semana Farroupilha, proporcionou uma boa e nova oportunidade para a discussão da tradição local. Nas próximas quatro páginas, o Cultura aproveita essa oportunidade para falar da evolução do gaúcho, tanto do tipo real quanto do idealizado, e da escultura que ganhou caráter de símbolo

VASCO MACHADO, REPRODUÇÃO

O gaúcho estancieiro do século 18, ao lado da mulher

CLÓVIS VICTÓRIA E VANESSA FRANZOSI

Quando o escultor Antônio Caringi moldou em gesso e banhou em bronze a figura do pesquisador e folclorista Paixão Côrtes, solidificou um símbolo. A estátua do Laçador, inaugurada em 20 de setembro de 1958, numa das entradas da Capital gaúcha, passou a representar mais do que a imagem de um dos fundadores do tradicionalismo. Há 50 anos, a figura de rosto másculo, tendo na mão direita a corda com que maneja o gado, contribui para criar no imaginário urbano rio-grandense uma figura mítica, mas que não necessariamente corresponde à imagem difundida pelos tradicionalistas.

Uma diferença que se nota já nas pilchas. Aquele gaúcho que se originou nos campos do cone sul das Américas tem história que lhe incorpora vestimenta diferente da que se vê em rodeios e CTGs. O gaúcho "histórico" era um tipo social sem emprego fixo e sem casa para morar, um trabalhador sazonal que vivia de estância em estância, sustentando-se de tosquiar ovelhas ou marcar o gado.

A imagem desse gaúcho "historicamente correto", como defendem muitos pesquisadores, data do século 18, e pode ser atribuída a mais de um fator. As coroas portuguesa e espanhola só entram em acordo sobre as questões que envolviam a Cisplatina e o território que hoje pertence ao Rio Grande do Sul com o Tratado de Madri, em 1750. Resistindo à transferência para os portugueses do território das Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul, condição imposta pelo tratado, o índio guarani Sepé Tiaraju é morto em fevereiro de 1756 pela pólvora espanhola e pela lança portuguesa, na região onde hoje se localiza São Gabriel, e dá início a essa configuração do gaúcho que a história real consagra. Com a morte de Sepé, a dissolução das Missões se concretiza e cerca de 2 milhões de cabeças de gado dos rebanhos missioneiros se dispersam pela região que hoje conhecemos como Metade Sul. O gaúcho herdou a boleadeira com que o índio charrua costumava caçar emas, aprendeu a tropear para catar o gado perdido e levá-lo até a estância que se formava a partir do século 19.

Esse gaúcho "real" trava uma batalha no imaginário moderno com a figura gaúcho surgida para exaltar o 20 de Setembro, produto do tradicionalismo do século 20. Na visão do professor de História do Rio Grande do Sul da UFRGS Luiz Alberto Grijó, é uma batalha.

– Em meados do século 20, houve a hegemonia de uma visão que não é tão nova, mas que acabou se cristalizando quando o Movimento Tradicionalista a reproduziu. Ao organizar isso, os tradicionalistas acabaram criando um receituário de regras do passado que nunca existiram, mas que acabaram se transformando em canônicas – critica.

A Revolução Farroupilha se cristalizou como um mito heróico fundador. Somada às estruturas hierárquicas dos CTGs, às leis da pilcha, do chimarrão e a um cabedal de regras que regulamentam determinado gauchismo, teremos a visão hegemônica do gaúcho – uma visão que se distancia da história. E mesmo assim, falamos de cultura quando um operário de fábrica e seu empregador encontram-se em um ambiente festivo pilchados, sobem no cavalo, tomam chimarrão e chegam a assumir gestos e sotaques que pouco representam o ambiente urbano em que vivem. Quase nunca mencionam os reais homens que originaram essa figura idealizada como herói ou o grupo social moldado durante três séculos.

Mas os bastidores da criação dessa figura é menos homogêneo do que se pensa. A miscigenação dos costumes indígenas, portugueses, espanhóis e africanos resultou em vários grupos gaúchos, divididos principalmente por época e ocupação social.

– Há três formas de se compreender o gaúcho. O primeiro é o termo "gaúcho", que se transformou em gentílico. Há o peão gaúcho ligado ao pastoreio, que ainda se mantém. E temos a figura emblemática do gaúcho – detalha a titular do departamento de Antropologia Social da UFRGS, Maria Eunice Maciel.

O irônico é que mesmo que não corresponda ao gaúcho da história "real" apontada pelos historiadores, após décadas de movimento

AJR
Comércio e Distribuição de Livros
DISTRIBUIDOR EDITORA: PENSAMENTO-CULTRIX
Fone/Fax: (51) 3227.5658 - 3224.1337
3019.7878 - 3019.7832
Rua Gen. João Manoel, 407 e 439
CEP: 90.010-030 - Centro - Porto Alegre - RS
ajrlivro@terra.com.br

Editora: Sextante
William P. Young

tradicionalista o gaúcho do CTG não deixa de ser resultado de uma prática tradicional. Para Maria Eunice, pode-se identificar dois momentos na formação dessa figura de gaúcho que domina o imaginário. Um deles é 1948, quando o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o CTG 35, é fundado por Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, entre outros, com a intenção de retomar a cultura rio-grandense e fortalecer a sociedade do Estado. Esse marco constitui o que ela chama de "figura emblemática do gaúcho". Que não necessariamente se encaixa no perfil das pesquisas históricas

– O grupo social do gaúcho é o daqueles que não têm cidadania, propriedade ou emprego. Os gaúchos eram um bando de pessoas desocupadas. – é o que observa a professora de História da Universidade de Caxias do Sul Daysi Lange Albeche.

Com a frase, ela expõe a preocupação da história em relação à metodologia aplicada para dimensionar o verdadeiro gaúcho. Com sua pesquisa de mestrado, *Imagens do Gaúcho: História e Mitificação*, defendida na PUC-RS, ela aponta que a imagem do gaúcho cultuada no presente foi formada pela criação de um mito assentado em idéias de uma corrente positivistas que, surgida depois da Revolução Farroupilha (1835-1845), louvou o gaúcho para associar sua imagem aos heróis do levante. Uma imagem calcada em ideais de liberdade e de democratização dos trabalhos nas estâncias.

– O mito apaga a história – alerta.

Daysi reforça que o homem que habitava o Estado mas não pertencia à elite européia era, em geral, considerado sujo. A miscigenação tornou o gaúcho um homem sem identidade. Ele pode ser bugre, caboclo, índio e, depois de 1824, com as levas de imigração, alemão, italiano, polonês, judeu e até japonês. O tratamento dado a ele, segundo a pesquisadora, chegava a ser inferior ao recebido pelos escravos. O irônico é que a luta pela independência do Estado, orgulho dos tradicionalistas e episódio associado ao perfil "mítico" do gaúchos, excluiu o grupo social original que ostentava esse nome.

– A Revolução (Farroupilha) era dos latifundiários, que eram contra o regime central. Os gaúchos lutaram porque essas pessoas lhes davam emprego. Eles foram a reboque, e a maioria não sobreviveu – lembra.

Os que resistiram à guerra e conseguiram conquistar uma propriedade e formar famílias acabaram constituindo um grupo especial, o dos gaúchos idealizados. A imagem positivista dos heróis farroupilhas e desses gaúchos bem-sucedidos mantém o tradicionalismo vivo hoje. Entre os que vestem a pilcha e difundem essa cultura, há noção da existência do gaúcho pobre e até bandido. Mas muitos confundem o peão de estância sazonal com o gaudério, termo usado de forma pejorativa. Os gaudérios seriam bandidos que recolhiam gado, desviavam cabeças de uma estância para outra, não tinham família nem propriedade.

Em seu romance *Guaxos*, de 1959, Barbosa Lessa classifica esta espécie de homem do campo sem campo como andarilho de estância que topava qualquer conflito ou guerra para enaltecer suas virtudes de valentia e hombridade. Os tradicionalistas se esforçaram em tornar positiva essa faceta real. Já aquele gaúcho que teve origem ainda com os índios, de que se falou no início, passou por diversas mudanças até se configurar no gaúcho tradicionalista.

A pesquisadora Véra Stedille Zattera, em seu livro *Gaúcho – Vestuário Tradicional e Costumes*, divide sua trajetória em quatro épocas. A primeira, O Gaúcho Gaudério, é separada entre os anos de 1730 e 1820; a segunda, O Gaúcho Charqueador, de 1820 a 1865; O Novo Gaúcho, de 1865 a 1950; e, por último, o Gaúcho Tradicionalista, de 1950 em diante. Cada um dos períodos revela hábitos diferentes. A movimentação da economia e as novas colonizações alteravam o cenário. Com o passar dos anos, costumes foram adquiridos, a culinária foi se modificando e os trajes foram modernizados. O gaúcho de hoje é um misto de todas essas transformações.

Os fundadores do CTG 35, capitaneados por Lessa e Côrtes, colocavam-se contra o que viam como enfraquecimento das culturas locais e desaparecimento das comunidades transmissoras de cultura tradicional – sob influência de hábitos e costumes importados. Além do CTG, o grupo dedicou-se a pesquisas sobre os costumes espalhados por todas as regiões sulistas. Ao participarem do Dia da Tradição, em Montevidéu, em 1949, perceberam que os rio-grandenses não tinham dança tradicional. Dança e música, hoje manifestações gaúchas populares, foram resgatadas aos poucos por Lessa e Côrtes em suas andanças pelo Interior.

Da pesquisa, originou-se o *Manual de Danças Gaúchas*. Um estatuto normativo que chega a determinar o ângulo em que o pé deve se deslocar na tradicional *Dança do Pezinho* (45 graus), e que se tornou uma ferramenta para a difusão das danças nos CTGs. Danças que carregavam, assim como a indumentária, influência estrangeira. O Pezinho era popular em Portugal e nos Açores, onde se dançava a Chimarrita.

O peão das charqueadas, entre 1820 e 1865

Pela pesquisa dos folcloristas, o gaúcho que hoje se cultura nas festas do tradicionalismo não se formou para ser um resumo da história do Rio Grande, mas para reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, como destaca Barbosa Lessa no ensaio *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*, aprovado no 1º Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, em julho de 1954:

"Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com o Folclore, a História, a Sociologia, etc., que são ciências. Não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista: aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo."

A transcrição é reveladora justamente a respeito do que faltou ao tradicionalismo, na perspectiva do professor de história da Universidade de Passo Fundo (UPF) Tau Golin: método. Conhecido crítico da disseminação da figura mítica do gaúcho encarnada nas bombachas e em toda a criação histórica sem metodologia científica, o autor do polêmico livro *Bento Gonçalves, O Herói Ladrão*, de 1983, designa como gaúcho dois tipos. Golin reforça essa já mencionada diferença entre o gaúcho "histórico" e o gaúcho "cívico-cultural". Ao falar do primeiro, concorda com a visão do marginal do campo que vaga pelo território nos séculos 18 e 19. O segundo, continua Golin, criou-se no Planalto do Rio Grande do Sul, espalhou-se pela Serra e colheu os movimentos migratórios europeus. Seria fruto de uma formulação política conservadora, partindo dos grandes proprietários de terra, e é cultivado preferencialmente pelos partidos de direita. A virada na tradição do gaúcho real, segundo Golin, teria se consolidado na ditadura militar.

– Houve uma generalização, uma popularização e uma visão monolítica do gaúcho herói da Revolução Farroupilha no século 20. Foi uma cultura de massa que se criou e que é própria da nossa pós-modernidade. A cultura gauchesca é paisana e cultua a verdade na Argentina e no Uruguai. Aqui é diferente. O CTG é um latifúndio que tem uma hierarquia entre patrão e peão. Essa história de criar regras para dizer quem é quem não é gaúcho – alfineta.

A discussão sobre quem é "o gaúcho" se dá mesmo no seio do tradicionalismo. O fundador Paixão Côrtes, aos 81 anos, se diz decepcionado com o trabalho que se desenvolve em alguns CTGs, pontos de difusão do gauchismo. Para ele, falta alma.

– Desde que começou o Movimento Tradicionalista, em 1947, 1948, sucederam-se 60 anos e os rumos são os mais diversos. Alguns preservam as raízes, mas a maioria não – diz o folclorista.

A maior desilusão de Côrtes está no trato com os jovens que, segundo ele, não seguem os preceitos sugeridos pelos fundadores do movimento. A dedicação maior, está voltada à parte artística, na conquista de concursos. Mais uma vez, a história perde espaço.

– O que se vê é a parte fantasiosa, que foge às características da fidelidade do movimento. Os jovens que se vêem por aí não são gaúchos, são fantoches fantasiados, porque não é passada a eles a cultura – reivindica.

O pensamento de Côrtes é apoiado por alguns caxienses que estão à frente dos CTGs da cidade. Caxias do Sul é conhecida como a Capital Mundial dos CTGs, com 81 centros, mas nem todos se preocupariam em reverenciar a história do gaúcho.

– Cerca de 80% dos nossos CTGs só se preocupam com as danças, os concursos e os rodeios – diz o instrutor de danças Paulo dos Santos de Andrade, do CTG Raízes do Rio Grande.

A Chimarrita, a dança do Pezinho e toda cultura de CTGs aproximam os jovens. Eles costumam ir a festas, mas os patrões afirmam que o cultivo do tradicionalismo está mais restrito à Semana Farroupilha.

– Nós temos dificuldades de trazer outros jovens porque eles têm muitas opções de lazer. Então se não for mantida a tradição entre as gerações, vai ficar cada vez mais difícil – conclui o patrão do CTG Negrinho do Pastoreio, Manoel Martins Vieira.

Martins e o patrão do CTG Raízes do Rio Grande, Marcos Antônio Ganzer, admitem que a história é pouco comentada dentro dos Centros, mas pauta encontros eventuais. A cultura, porém, é repassada, automaticamente, a todos que freqüentam o CTG.

– Todo mundo recebe noções de postura do gaúcho, a tradição da roda de chimarrão – exemplifica Martins.

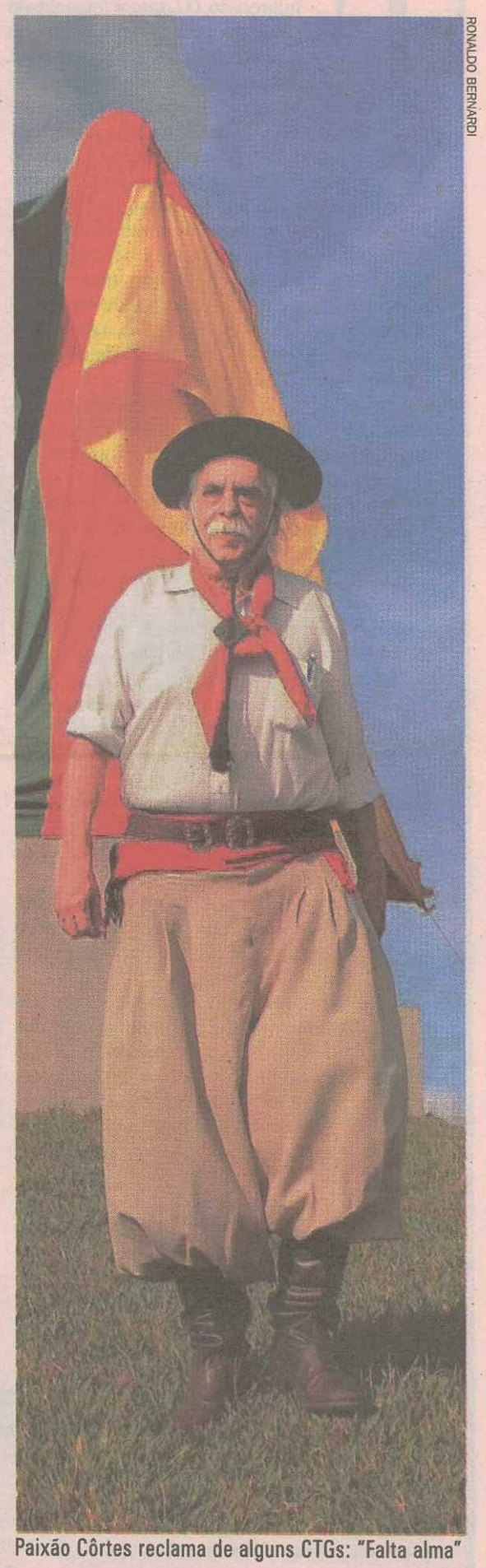
Os mais novos, porém, precisariam de incentivo extra.

– O Marquinhos só não nasceu vestindo bombacha, mas tem toda a tradição dentro de casa – cita Ganzer ao falar de seu filho.

Marcos André Ganzer, 14 anos, há pouco passou o título de Guri Farroupilha da 25ª Região Tradicionalista, gestão 2007/2008. Para conquistar a distinção, precisou estudar a história do povo gaúcho. Mas é um caso pouco comum entre a juventude.

clovis.victoria@jornalpioneiro.com.br
vanessa.franzosi@jornalpioneiro.com.br

O gaúcho tradicionalista, que surge a partir dos anos 1950, com a sua prenda



RONALDO BERNARDI

Paixão Côrtes reclama de alguns CTGs: "Falta alma"

tradicionalista o gaúcho do CTG não deixa de ser resultado de uma prática tradicional. Para Maria Eunice, pode-se identificar dois momentos na formação dessa figura de gaúcho que domina o imaginário. Um deles é 1948, quando o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o CTG 35, é fundado por Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, entre outros, com a intenção de retomar a cultura rio-grandense e fortalecer a sociedade do Estado. Esse marco constitui o que ela chama de "figura emblemática do gaúcho". Que não necessariamente se enquaixa no perfil das pesquisas históricas

– O grupo social do gaúcho é o daqueles que não têm cidadania, propriedade ou emprego. Os gaúchos eram um bando de pessoas desocupadas. – é o que observa a professora de História da Universidade de Caxias do Sul Daysi Lange Albeche.

Com a frase, ela expõe a preocupação da história em relação à metodologia aplicada para dimensionar o verdadeiro gaúcho. Com sua pesquisa de mestrado, *Imagens do Gaúcho: História e Mitificação*, defendida na PUC-RS, ela aponta que a imagem do gaúcho cultuada no presente foi formada pela criação de um mito assentado em idéias de uma corrente positivistas que, surgida depois da Revolução Farroupilha (1835-1845), louvou o gaúcho para associar sua imagem aos heróis do levante. Uma imagem calcada em ideais de liberdade e de democratização dos trabalhos nas estâncias.

– O mito apaga a história – alerta.

Daysi reforça que o homem que habitava o Estado mas não pertencia à elite européia era, em geral, considerado sujo. A miscigenação tornou o gaúcho um homem sem identidade. Ele pode ser bugre, caboclo, índio e, depois de 1824, com as levas de imigração, alemão, italiano, polonês, judeu e até japonês. O tratamento dado a ele, segundo a pesquisadora, chegava a ser inferior ao recebido pelos escravos. O irônico é que a luta pela independência do Estado, orgulho dos tradicionalistas e episódio associado ao perfil "mítico" do gaúchos, excluiu o grupo social original que ostentava esse nome.

– A Revolução (Farroupilha) era dos latifundiários, que eram contra o regime central. Os gaúchos lutaram porque essas pessoas lhes davam emprego. Eles foram a reboque, e a maioria não sobreviveu – lembra.

Os que resistiram à guerra e conseguiram conquistar uma propriedade e formar famílias acabaram constituindo um grupo especial, o dos gaúchos idealizados. A imagem positivista dos heróis farroupilhas e desses gaúchos bem-sucedidos mantém o tradicionalismo vivo hoje. Entre os que vestem a pilcha e difundem essa cultura, há noção da existência do gaúcho pobre e até bandido. Mas muitos confundem o peão de estância sazonal com o gaudério, termo usado de forma pejorativa. Os gaudérios seriam bandidos que recolhiam gado, desviavam cabeças de uma estância para outra, não tinham família nem propriedade.

Em seu romance *Guaxos*, de 1959, Barbosa Lessa classifica esta espécie de homem do campo sem campo como andarilho de estância que topava qualquer conflito ou guerra para enaltecer suas virtudes de valentia e hombridade. Os tradicionalistas se esforçaram em tornar positiva essa faceta real. Já aquele gaúcho que teve origem ainda com os índios, de que se falou no início, passou por diversas mudanças até se configurar no gaúcho tradicionalista.

A pesquisadora Véra Stedille Zattera, em seu livro *Gaúcho – Vestuário Tradicional e Costumes*, divide sua trajetória em quatro épocas. A primeira, O Gaúcho Gaudério, é separada entre os anos de 1730 e 1820; a segunda, O Gaúcho Charqueador, de 1820 a 1865; O Novo Gaúcho, de 1865 a 1950; e, por último, o Gaúcho Tradicionalista, de 1950 em diante. Cada um dos períodos revela hábitos diferentes. A movimentação da economia e as novas colonizações alteravam o cenário. Com o passar dos anos, costumes foram adquiridos, a culinária foi se modificando e os trajes foram modernizados. O gaúcho de hoje é um misto de todas essas transformações.

Os fundadores do CTG 35, capitaneados por Lessa e Côrtes, colocavam-se contra o que viam como enfraquecimento das culturas locais e desaparecimento das comunidades transmissoras de cultura tradicional – sob influência de hábitos e costumes importados. Além do CTG, o grupo dedicou-se a pesquisas sobre os costumes espalhados por todas as regiões sulistas. Ao participarem do Dia da Tradição, em Montevidéu, em 1949, perceberam que os rio-grandenses não tinham dança tradicional. Dança e música, hoje manifestações gaúchas populares, foram resgatadas aos poucos por Lessa e Côrtes em suas andanças pelo Interior.

Da pesquisa, originou-se o *Manual de Danças Gaúchas*. Um estatuto normativo que chega a determinar o ângulo em que o pé deve se deslocar na tradicional *Dança do Pezinho* (45 graus), e que se tornou uma ferramenta para a difusão das danças nos CTGs. Danças que carregavam, assim como a indumentária, influência estrangeira. O Pezinho era popular em Portugal e nos Açores, onde se dançava a Chimarrita.

O peão das charqueadas, entre 1820 e 1865

Pela pesquisa dos folcloristas, o gaúcho que hoje se cultura nas festas do tradicionalismo não se formou para ser um resumo da história do Rio Grande, mas para reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, como destaca Barbosa Lessa no ensaio *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*, aprovado no 1º Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, em julho de 1954:

"Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com o Folclore, a História, a Sociologia, etc., que são ciências. Não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista: aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo."

A transcrição é reveladora justamente a respeito do que faltou ao tradicionalismo, na perspectiva do professor de história da Universidade de Passo Fundo (UPF) Tau Golin: método. Conhecido crítico da disseminação da figura mítica do gaúcho encarnada nas bombachas e em toda a criação histórica sem metodologia científica, o autor do polêmico livro *Bento Gonçalves, O Herói Ladrão*, de 1983, designa como gaúcho dois tipos. Golin reforça essa já mencionada diferença entre o gaúcho "histórico" e o gaúcho "cívico-cultural". Ao falar do primeiro, concorda com a visão do marginal do campo que vaga pelo território nos séculos 18 e 19. O segundo, continua Golin, criou-se no Planalto do Rio Grande do Sul, espalhou-se pela Serra e colheu os movimentos migratórios europeus. Seria fruto de uma formulação política conservadora, partindo dos grandes proprietários de terra, e é cultivado preferencialmente pelos partidos de direita. A virada na tradição do gaúcho real, segundo Golin, teria se consolidado na ditadura militar.

– Houve uma generalização, uma popularização e uma visão monolítica do gaúcho herói da Revolução Farroupilha no século 20. Foi uma cultura de massa que se criou e que é própria da nossa pós-modernidade. A cultura gauchesca é paisana e cultua a verdade na Argentina e no Uruguai. Aqui é diferente. O CTG é um latifúndio que tem uma hierarquia entre patrão e peão. Essa história de criar regras para dizer quem é quem não é gaúcho – alfineta.

A discussão sobre quem é "o gaúcho" se dá mesmo no seio do tradicionalismo. O fundador Paixão Côrtes, aos 81 anos, se diz decepcionado com o trabalho que se desenvolve em alguns CTGs, pontos de difusão do gauchismo. Para ele, falta alma.

– Desde que começou o Movimento Tradicionalista, em 1947, 1948, sucederam-se 60 anos e os rumos são os mais diversos. Alguns preservam as raízes, mas a maioria não – diz o folclorista.

A maior desilusão de Côrtes está no trato com os jovens que, segundo ele, não seguem os preceitos sugeridos pelos fundadores do movimento. A dedicação maior, está voltada à parte artística, na conquista de concursos. Mais uma vez, a história perde espaço.

– O que se vê é a parte fantasiosa, que foge às características da fidelidade do movimento. Os jovens que se vêem por aí não são gaúchos, são fantoches fantasiados, porque não é passada a eles a cultura – reivindica.

O pensamento de Côrtes é apoiado por alguns caxienses que estão à frente dos CTGs da cidade. Caxias do Sul é conhecida como a Capital Mundial dos CTGs, com 81 centros, mas nem todos se preocupariam em reverenciar a história do gaúcho.

– Cerca de 80% dos nossos CTGs só se preocupam com as danças, os concursos e os rodeios – diz o instrutor de danças Paulo dos Santos de Andrade, do CTG Raízes do Rio Grande.

A Chimarrita, a dança do Pezinho e toda cultura de CTGs aproximam os jovens. Eles costumam ir a festas, mas os patrões afirmam que o cultivo do tradicionalismo está mais restrito à Semana Farroupilha.

– Nós temos dificuldades de trazer outros jovens porque eles têm muitas opções de lazer. Então se não for mantida a tradição entre as gerações, vai ficar cada vez mais difícil – conclui o patrão do CTG Negrinho do Pastoreio, Manoel Martins Vieira.

Martins e o patrão do CTG Raízes do Rio Grande, Marcos Antônio Ganzer, admitem que a história é pouco comentada dentro dos Centros, mas pauta encontros eventuais. A cultura, porém, é repassada, automaticamente, a todos que freqüentam o CTG.

– Todo mundo recebe noções de postura do gaúcho, a tradição da roda de chimarrão – exemplifica Martins.

Os mais novos, porém, precisariam de incentivo extra.

– O Marquinhos só não nasceu vestindo bombacha, mas tem toda a tradição dentro de casa – cita Ganzer ao falar de seu filho.

Marcos André Ganzer, 14 anos, há pouco passou o título de Guri Farroupilha da 25ª Região Tradicionalista, gestão 2007/2008. Para conquistar a distinção, precisou estudar a história do povo gaúcho. Mas é um caso pouco comum entre a juventude.

clovis.victoria@jornalpioneiro.com.br
vanessa.franzosi@jornalpioneiro.com.br

O gaúcho tradicionalista, que surge a partir dos anos 1950, com a sua prenda

RONALDO BERNARDI

Paixão Côrtes reclama de alguns CTGs: "Falta alma"

TRAD

A gênese de

Entenda por que "O Laçador", de Antonio Caringi, ex para se fixar como um ícone dos valores – inventados o

EDUARDO VERAS

Exposição em cartaz no Margs, em Porto Alegre, saúda os 50 anos d'*O Laçador*. Apresenta fotografias de época, documentos e uma réplica da escultura. A rigor, haveria aí uma imprecisão. *O Laçador* foi moldado em gesso e fundido em bronze no distante 1954; portanto, há 54 anos. Era peça selecionada em concurso público, concebida especialmente para representar o Rio Grande na Feira Internacional do 4º Centenário de São Paulo, no Parque do Ibirapuera, na capital paulista. O meio século que se comemora hoje – não por acaso no feriado de 20 de setembro – diz respeito ao traslado e fixação da imagem na capital gaúcha, em 1958. Logo, o que se festeja não é o aniversário da obra, mas o da sua transformação em monumento. Não há equívocos aí. Mais do que um objeto escultórico, o que se eleva – hierático e soberbo – nas proximidades do Aeroporto Salgado Filho é um mito.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento, professora da UFRGS, uma das maiores autoridades quando se trata de pensar a História, as histórias e o imaginário porto-alegrense, resume:

– *O Laçador* mexe com coisas muito profundas. Tem a ver com uma identidade forjada, trabalhada e consagrada por diferentes setores da sociedade: o Instituto Histórico e Geográfico, o movimento tradicionalista, a mídia.

Sandra não titubeia na hora de apontar o que na figura seria capaz de seduzir público tão vasto:

– Sua masculinidade.

Caringi, segundo a historiadora, foi feliz ao sintetizar em um só personagem, bigodudo, de lenço na testa, dedos dos pés à mostra, laço pendente, os valores básicos da história local.

– Sejam eles verdadeiros ou não – sublinha.

O mito do gaúcho disposto a assegurar as fronteiras nacionais, pronto para o combate, ares de conquistador, materializa-se no bronze.

– Quem não quer ser herói? – questiona a historiadora. – Quem não quer ter aquele olhar altaneiro que parece desafiar o horizonte, olhar que parece dizer: "Eu sou o dono dessa terra"?

Nem sempre o gaúcho foi representado com ares tão briosos. A cientista social Amanda Kizzy dos Santos desenvolve no Instituto de Artes da UFRGS uma pesquisa em nível de mestrado sobre a presença do homem campeiro na pintura. Ela observa que, nos óleos de Pedro Weingärtner, em fins do século 19 e princípios do 20, esse tipo aparecia em um registro muito naturalista:

– Era um sujeito de vivência simples, sentado em roda, tomando chimarrão, com um cusco do lado e nenhum traço de heroísmo.

Mesmo o chamado *Gaúcho Oriental*, de 1935, parecia mais maroto do que majestoso. Na falta de um símbolo como *O Laçador*, era esse bronze do uruguaio Federico Escalada que os fundadores do movimento tradicionalista iam idolatrar antes de 1958. Documento de 1949 inclui aquela peça no roteiro da "Ronda Creoula" do primeiro Centro de Tradições Gaúchas. Relata o folclorista Paixão Côrtes, o mesmo que posaria de modelo para *O Laçador* de Caringi, que, naquela ronda, ele e seus amigos "depositaram flores" junto ao *Gaúcho Oriental*. O curioso é que aquela peça (ainda na Redenção mas hoje mutilada de uma mão) teria, em um crivo estético, mais qualidades que o gaúcho de Caringi.

– Como escultura, é mais interessante – avalia José Francisco Alves, autor do livro *A Escultura Pública de Porto Alegre*, doutorando em História, Teoria e Crítica da Arte na UFRGS, com pesquisa sobre arte pública no Estado. – É um gaúcho no sentido mais antropológico, mais concreto, em uma pose meio debochada. É o gaúcho bonachão, despachado.

O Laçador, compara, corresponde a outra coisa:

– É o gaúcho criado para ser um símbolo. É o nosso Cristo Redentor.

Diz o pesquisador que o promontório para o qual a obra foi transferida no ano passado enfatiza ainda mais a distância entre o símbolo e a escultura:

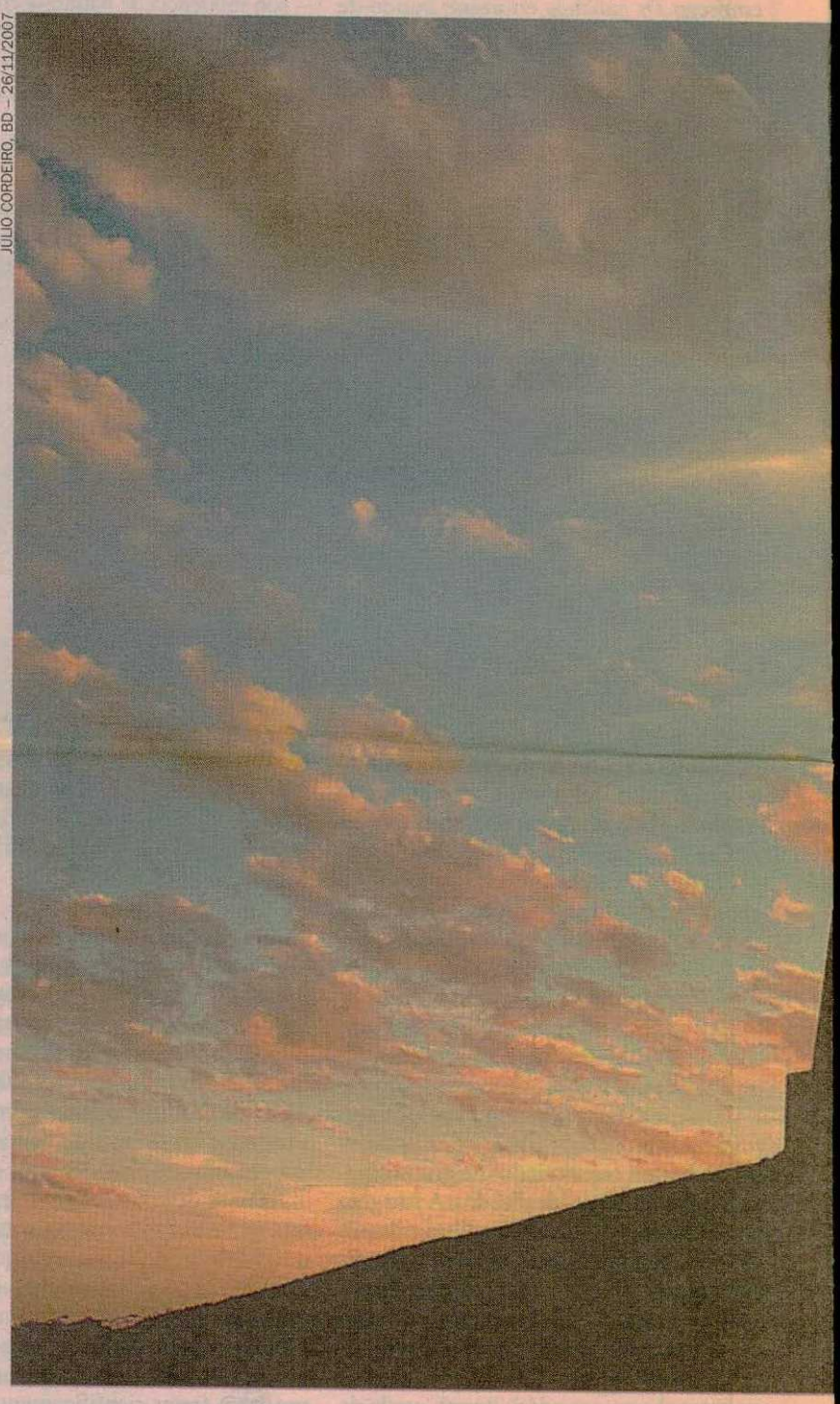
– Com a mudança, o que Caringi pensava como escultura foi esvaziado. O ângulo que ele imaginou para que se admirasse a obra, as texturas que ele riscou, os detalhes, tudo que ele pensou, e ele era um escultor de padrões rígidos, formado em Munique, se esvaziou. Por outro lado, a coxilha e o pedestal reforçam o caráter sacro do monumento.

A mudança do Largo dos Bombeiros para as imediações do aeroporto, justificada pela construção do Viaduto Leonel Brizola, não chegou a alterar, segundo José Francisco, outra condição simbólica d'*O Laçador*, condição que afeta – afetuosamente – mesmo quem não se interessa por gauchismos:

– Na entrada da cidade, *O Laçador* é um signo de reconhecimento: "Puxa, estou em casa". Para quem chega, é uma saudação de boas-vindas.

ARIVALDO CHAVES, BD – 05/05/2005

JÚLIO CORDEIRO, BD – 26/11/2007



Nos pés, "O Laçador" de Caringi calça uma bota de tipo artesanal conhecida como "meio-pé" ou "garrão-de-potro"

O mesmo personagem em diferentes versões

"O Laçador" de Antono Caringi aparece em um momento, meio século atrás, em que se tornara importante afirmar um passado heróico e destemido para o personagem do gaúcho. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento observa que a veracidade ou não deste passado não é o que determina a consolidação da figura mítica no imaginário popular:

– Há forças inconscientes atuando na simpatia que você tem por uma imagem.

Confira a seguir outras visões do gaúcho do campo, propostas por artistas de diferentes perfis e diferentes épocas.

CARRETEIROS

No óleo de 1915, o porto-alegrense Pedro Weingârtner retrata uma roda de chimarrão, junto à carreta. O que se vê é gente simples, humilde, entre os bichos, sem laivo nenhum de bravura.

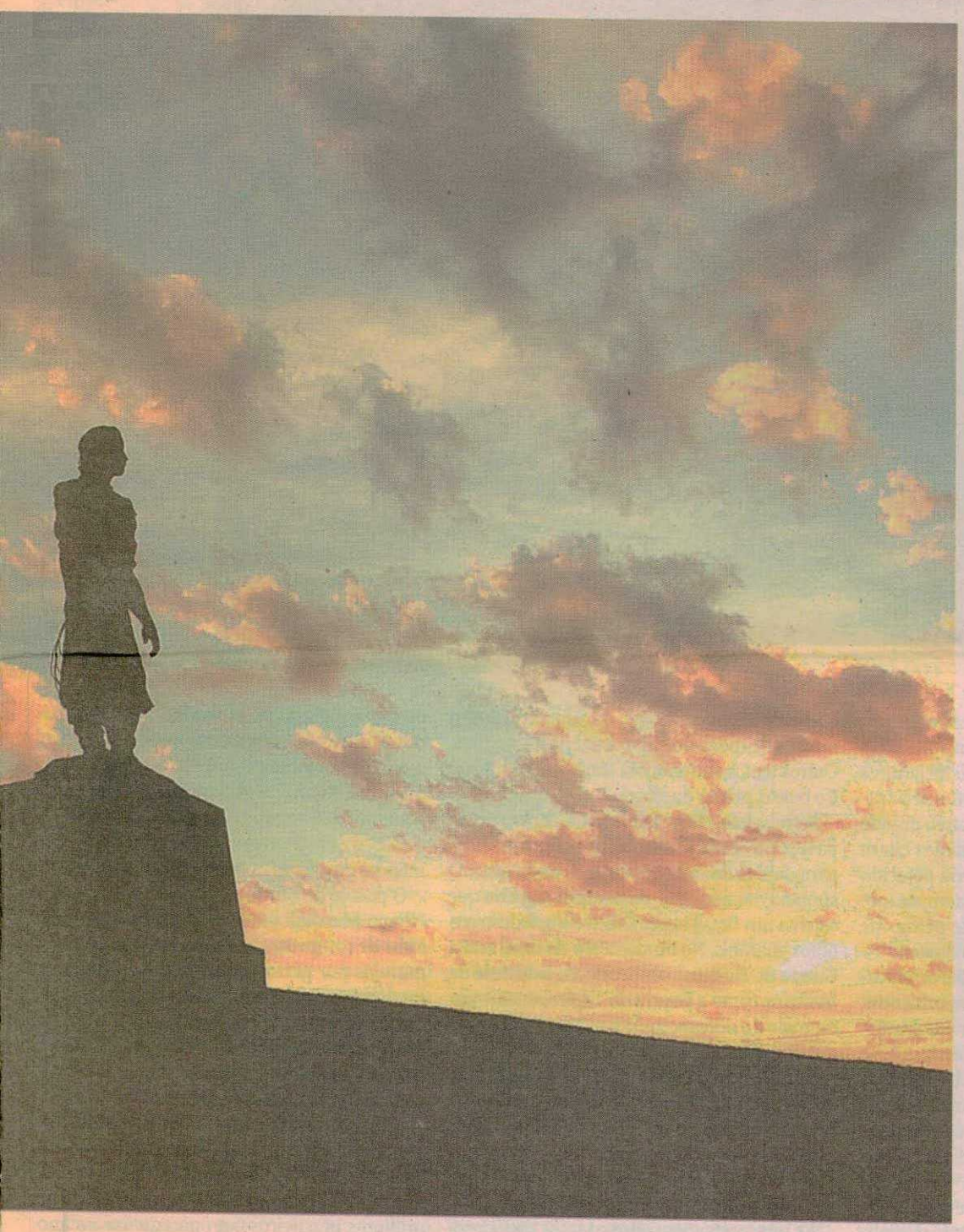
EL GAUCHO

Óleo pintado por volta de 1842 pelo francês Raimundo Quinsac Monvoisin representa o típico gaúcho argentino do século 19, trabalhador campeiro, com o garrão-de-potro nos pés, tomando mate em um momento de preguiça.

IÇÃO

e um mito

trapolou suas inegáveis qualidades escultóricas
u não – que compõem a História do Rio Grande



GENARO JONER, BD – 06/09/1995

A "vincha", lenço que "O Laçador" traz amarrado na cabeça, para conter sua vasta melena, é uma referência que o escultor foi buscar na iconografia uruguaia, que assim costumava representar a figura de "el gaucho"

TONICO ALVARES , BD – 30/01/1995

Na cintura, o gauchão de Caringi porta uma guaiaca de duas fivelas

MAURÍCIO T, BD – 20/03/2008

Peça fundamental da estátua, o laço – roubado numerosas vezes – será reposto em bronze na próxima segunda-feira.

RICARDO CHAVES, BD – 20/08/2006

Sobre a bombacha, o personagem tem um "tirador", espécie de avental franjado que serviria para proteger a coxa de alguma eventual laçada

Não foram, mas poderiam ter sido

O LANCEIRO DE VASCO

No concurso público de 1954, no qual Antonio Caringi inscreveu seu projeto para "O Laçador", o escultor Vasco Prado apresentou um Lanceiro (*foto*). A escultura, cujo protótipo em bronze hoje pertence ao acervo do Margs, representa um gaúcho com óbvias feições indígenas. A peça, por coincidência, está neste momento em exposição no segundo andar do museu, na Praça da Alfândega, em uma mostra dedicada às preciosidades da coleção da casa.

ACERVO MARGS, DIVULGAÇÃO

ARIVALDO CHAVES, BD – 16/09/2008

O GAÚCHO ORIENTAL

Criada em 1935 pelo uruguaio Federico Escalada, a escultura *Gaúcho Oriental* (*acima*) foi doada a Porto Alegre pela comunidade uruguaia residente na Capital. A peça mostra um homem do campo de ar irreverente, com chiripá em vez de bombacha. Na falta de um ícone como *O Laçador* (instalado no Largo dos Bombeiros somente em 1958), os fundadores do movimento tradicionalista se dirigiam até a extremidade norte da Redenção para reverenciar essa imagem.

SESTEANDO

Na gravura de 1955, aos tempos do Clube de Bagé, Carlos Scliar surpreende o trabalhador do campo aproveitando a folga, de braguilha aberta.

GURIZINHO FACEIRO

Na aquarela de José Lutzenberger, na década de 1950, o guasca é pouco mais do que um garoto.

REPRODUÇÕES

O GAÚCHO ÉPICO

A pesquisadora Amanda Kizzy dos Santos observa que o gaúcho que Nelson Jungbluth vai pintar a partir dos anos 50 evoca, mesmo na lida campeira, o guerreiro em campo de batalha.

ZERO HORA.com

Em www.zerohora.com/estilodevida:

>Veja mais imagens do monumento comentadas pelo fotógrafo Julio Cordeiro.
>Em infográfico animado, conheça a história do tesouro d"O Laçador".

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: do Comércio
Data: 22/9/2008
Página: 3 (Panorama)
Assunto: Atividades do Margs

Laçador

Para marcar o cinqüentenário do Laçador e homenagear seu criador, o Margs e o Banrisul promovem o lançamento do livro *Antonio Caringi - O Escultor dos Pampas*, com fotografias de Eurico Salis e textos de Luiz Antonio de Assis Brasil e Paulo Gomes. O evento será hoje, no Café do Margs, encerrando de forma simbólica as comemorações da Semana Farroupilha e incluindo uma mostra com 12 fotografias de Eurico Salis, extraídas do livro.

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Zero Hora
Data: 22/09/2008
Página: Cultura
Assunto: Atividades do Margs

CARINGI EM LIVRO E EXPOSIÇÃO

Um conjunto de 12 fotografias produzidas pelo fotógrafo Eurico Salis especialmente para o livro *Antônio Caringi: o Escultor dos Pampas*, estarão expostas a partir de hoje no Café do Margs (Praça da Alfândega, s/nº, Centro). O livro, com mais de cem imagens fotografadas por Salis, é o mais completo catálogo artístico da obra do escultor Antonio Caringi e será lançado às 19h de hoje no mesmo Café do Margs. Com edição da Nova Prova, patrocinada pelo Banrisul, *Antonio Caringi: o Escultor dos Pampas* traz fotografias de obras do artista em Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Bagé, Alegrete e Laguna. O volume vem acompanhado de uma síntese biográfica assinada pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil e de um ensaio crítico do artista plástico Paulo Gomes. O livro estará à venda na Loja do Margs. A mostra fica em exposição no Café do Margs até 12 de outubro, de terças a domingos das 10h às 19h.

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: O Sul
Data: 22.09.2008
Página: 03 e 08
Assunto: Atividades do Margs

Antonia Osório Caringi e Stella Osório Bertaso na abertura da mostra do cinqüentenário do Laçador. Hoje, igualmente no Museu de Arte do Riogrande do Sul – Ado Malagoli, será realizado o lançamento do livro "Antonio Caringi – O Escultor dos Pampas" com textos de Luiz Antonio de Assis Brasil e Paulo Gomes e fotos de Eurico Sallis.

Escultor dos Pampas

✔ *A estátua do Laçador completa 50 anos e seu criador, o artista gaúcho Antonio Caringi, ganha um livro sobre sua obra. O lançamento de "Antonio Caringi – Escultor dos Pampas" será hoje, às 19h, no Café do Margs. O livro traz mais de 100 imagens de obras de Caringi feitas pelo fotógrafo Eurico Salis, tanto em Porto Alegre como no interior. O texto biográfico é assinado pelo escritor Luiz Antônio Assis Brasil e Paulo Gomes. Para o lançamento, o Café do Margs recebe também uma mostra com 12 fotos extraídas do livro.* ***"Antonio Caringi – Escultor dos Pampas", de Eurico Salis.***

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: do Comércio
Data: 25.09.2008
Página: 05
Assunto: Atividades do Margs

Eduardo Bins Ely

VIDA SOCIAL

Manuela Caringi e Gabriela Caringi no lançamento do livro

GILMAR LUÍS/JC

Caringi

O Margs e o Banrisul promoveram o lançamento do livro *Antonio Caringi - O Escultor dos Pampas*, com fotografias de Eurico Salis e textos de Luiz Antonio de Assis Brasil e Paulo Gomes. O evento, realizado no átrio e no Café do Margs, integrou as comemorações do cinqüentenário da escultura Laçador, criada por Caringi e símbolo da hospitalidade gaúcha. A mostra de 12 fotografias do livro fica até 12 de outubro no Café do Margs.

GILMAR LUÍS/JC

GILMAR LUÍS/JC

Paixão Côrtes, Eurico Salis e Fernanda Osório Caringi no Margs

Museu de Arte do RS Ado Malagoli
Jornal: Correio do Povo
Data: 9/10/2008
Página: Arte e Lazer
Assunto: Atividades do Mês

Palestra de amigos

Para marcar os últimos dias da mostra "Antonio Caringi: 50 Anos do Laçador", com encerramento no próximo dia 12, hoje, às 17h, tem palestra com o tradicionalista Paixão Côrtes e o fotógrafo Flávio Damm. Eles lembrarão histórias sobre a convivência com Caringi, o começo do movimento tradicionalista no Estado e o período em que fundaram o CTG 35. Os dois amigos se conhecem desde a época em que estudaram no Colégio Julio de Castilhos – o Julinho – e Paixão Côrtes serviu de modelo para o monumento símbolo do Rio Grande do Sul. Ingresso é 1k de alimento não-perecível.